

Publicado conforme normas da ABNT.
Open access free available online.
DOI: <https://doi.org/10.35700/2316-8382.2024.v2n15.3754>

Editorial

DISPARIDADES DE GÊNERO NA CIÊNCIA

Charlene da Silva - <https://orcid.org/0000-0003-0761-4358>

Talvez você já tenha se perguntado o que é ciência. Ao consultarmos o dicionário Michaelis (s.a., n.p.), temos a seguinte conceituação: “conhecimento sistematizado como campo de estudo”. Usualmente, ciência e cientista são diretamente associados ao saber produzido no espaço das instituições de ensino, por meio da pesquisa e do acesso à educação. Durante anos, esses espaços formativos foram negados às mulheres.

No século XV, elas sofreram repressões em função do saber popular empírico praticado e repassado por suas ancestrais. Mais tarde, no período da Revolução Francesa, coube à mulher somente o acesso a um conhecimento restrito, com vistas a manter seu confinamento para o exercício das práticas domésticas. Apenas no final do século XIX, as mulheres começaram a ser inseridas nas instituições de ensino superior. Especificamente no Brasil, a inserção feminina no ensino superior foi garantida em 1879, com a Reforma Leôncio de Carvalho (Lino; Mayorga, 2016).

Assim, sabendo que essa recente figura da cientista é relacionada às instituições de ensino, seja como docente ou como pesquisadora, precisamos refletir: quais são as disparidades do gênero quando falamos de ciência? De acordo com pesquisa conduzida pelo Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (GEMAA), em 2020, as mulheres eram maioria nos Programas de Mestrado (55%) e Doutorado (53%). Contudo, apesar do maior nível de formação acadêmica, são os homens que ocupam 58% dos cargos de docente permanente nas instituições de ensino superior (Candido, 2023).

A partir desses dados, a iniciativa “Gênero e Número” realizou um apanhado dos principais achados da pesquisa, identificando que as únicas áreas do conhecimento que têm mais professoras permanentes¹ nos Programas de Pós-Graduação (PPG) do que mulheres com título de doutorado, são: Serviço Social, Artes e Ciência da Computação (Candido; Felix, 2023). E que, apesar de serem maioria no ensino superior e estarem presentes em todas as áreas do conhecimento, as mulheres tendem a se concentrar principalmente em cursos relacionados a relações humanas, saúde e assistência social (Barros; Mourão, 2018). À disparidade de gênero soma-se o recorte racial: nas áreas de ciência, tecnologia, engenharia e matemática (STEM), os homens brancos ocupam a maior parte dos cargos mais estáveis (que

¹ Segundo a Portaria n° 81 da CAPES são aqueles declarados anualmente pelo PPG na plataforma Sucupira e que atendam os requisitos: desenvolva atividades de ensino e pesquisa; orientação de alunos de mestrado ou doutorado; e que possuam qualquer vínculo funcional-administrativo com a instituição de ensino.

garante a permanência no serviço público) nos programas de pós-graduação (60,9%), sendo que as mulheres brancas ocupam cerca de 29,2%, e, em menor quantidade, figuram as mulheres autodeclaradas preta, parda ou indígena (2,5%) e amarela (1,2%) (Campos; Candido, 2023).

Apesar do desenvolvimento da formação acadêmica das mulheres, há uma dificuldade de ascensão e reconhecimento profissional. Segundo relatório da UNESCO, 3% dos prêmios Nobel de Ciências foram destinados a mulheres (Bello; Estébanez, 2022). No Brasil, quando se trata dos cargos de prestígio, gestão e liderança, são majoritariamente ocupados por homens – cargos tais como: bolsista produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), membro do comitê consultivo ou coordenadores do CNPq, presidência da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e de departamentos associados (Areas *et al.*, 2020). Em relação à produção científica, há menor propensão de mulheres serem primeira ou última autora (posições que denotam crédito) de publicações em comparação aos homens. Além disso, publicações conduzidas e publicadas por mulheres são menos citadas no âmbito da produção acadêmica (Bello; Estébanez, 2022).

Diante desse quadro, este Dossiê Temático “Mulheres na Ciência” é uma iniciativa para trazer à luz reflexões sobre a atuação das mulheres na ciência, suas vitórias e também os desafios que marcam sua trajetória. Os artigos aqui publicados também têm como finalidade celebrar as contribuições das mulheres na ciência e destacar experiências exitosas de projetos que tratam da inserção feminina em ambientes majoritariamente masculinos. Esperamos assim a inspirar novas iniciativas e permitir que sejam replicadas em outros contextos de ensino ou social.

REFERÊNCIAS

AREAS, Roberta; ABREU, Alice R. P; SANTANA, Ademir E.; BARBOSA, Marcia C; NOBRE, Carlos. Gender and the scissors graph of Brazilian science: from equality to invisibility. **Osf Preprints**, [S.L.], p. 1-6, 29 jun. 2020. Center for Open Science. <http://dx.doi.org/10.31219/osf.io/m6eb4>.

BARROS, Suzane Carvalho da Vitória; MOURÃO, Luciana. Panorama da participação feminina na educação superior, no mercado de trabalho e na sociedade. **Psicologia & Sociedade**, [S.L.], v. 30, p. 174090, 8 out. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30174090>.

BELLO, Alessandro; ESTÉBANEZ, María Elina. **Uma Equação Desequilibrada**: aumentar a participação das mulheres na stem na lac. Paris: Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, 2022. 44 p. Disponível em: <https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/policypapers-cilac-gender-pt.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2024.

BRASIL, Ministério da Educação. Portaria nº 81, de 3 de Junho de 2016. Define as categorias de docentes que compõem os Programas de Pós-Graduação (PPG's) stricto sensu. Disponível em: <http://cad.capes.gov.br/ato-administrativo-detallar?idAtoAdmElastic=327>. Acesso em: 21 de junho de 2024.

CAMPOS, Luiz Augusto; CANDIDO, Marcia Rangel. Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (GEMAA). **Desigualdades Raciais na Ciência Brasileira**. 2023. Disponível em: <https://gema.iesp.uerj.br/infografico/desigualdades- raciais-na-ciencia-brasileira/>. Acesso em: 04 jun. 2024.

CANDIDO, Marcia Rangel. Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (GEMAA). **Dados de participação das mulheres na ciência**. 2023. Autoria da base de dados: André Félix e Willian Bryan da Silva Souza. Supervisão: Luiz Augusto Campos. Disponível em: <https://gema.iesp.uerj.br/infografico/participacao-de-mulheres-na-ciencia/>. Acesso em: 14 jun. 2024.

CANDIDO, Marcia Rangel; FELIX, Marcelle. Gênero e Número. Desigualdades de gênero na ciência brasileira. **Ciência, Educação & Cultura**. 2023. Disponível em: <https://www.generonumero.media/artigos/desigualdades-genero-ciencia-brasileira/>. Acesso em: 14 jun. 2024.

LINO, Tayane Rogeria; MAYORGA, Cláudia. As mulheres como sujeitos da Ciência: uma análise da participação das mulheres na Ciência Moderna. **Saúde & Transformação Social: Health & Social Change**, 7(3), 2016, p. 96–107. Disponível em: <https://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/saudeetransformacao/article/view/4239>. Acesso em: 14 jun. 2024.

MICHAELIS (org.). **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/ci%C3%Aancia/>. Acesso em: 14 jun. 2024.